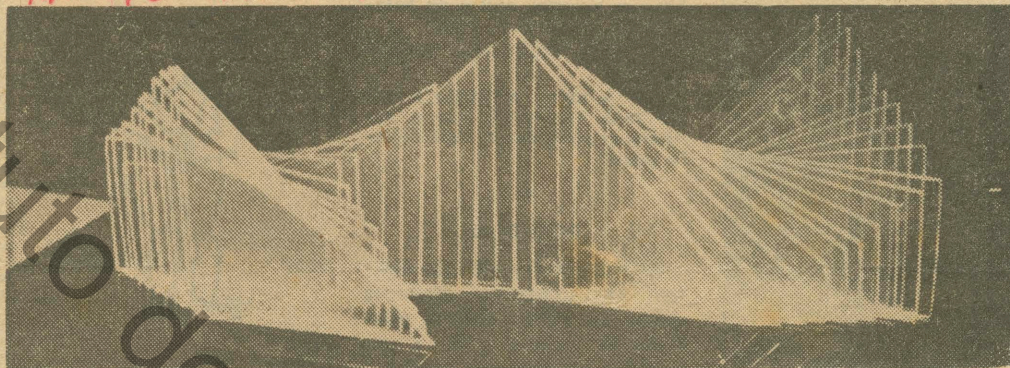


O concretista Kazmér Fejér vai expor suas esculturas na Galeria de Arte das FOLHAS

F.M. 12. JAN. 59



Escultura de Kazmér Fejér

MONTAGENS harmoniosas de elementos estandarizados que descrevem no espaço curvas e movimentos por intermédio de transparências, vértices e arestas, são as bases das criações escultóricas do artista concreto Kazmér Fejér, que vai expor, a partir do próximo dia 21, na Galeria de Arte das FOLHAS, na al. Barão de Limeira, 425. Simultaneamente, mais cinco seguidores das idéias do concretismo vão figurar na mostra e inscrevem-se como concorrentes ao Premio Leirner de Arte Contemporânea para 1958: Judith Lauand, Hermelindo Fiaminghi, Luis Sacillotto, Mauricio Nogueira Lima e Valdemar Cordeiro.

ESCULTURAS PEQUENAS

Os trabalhos que Kazmér Fejér vai apresentar na próxima exposição da Galeria de Arte das FOLHAS são de tamanhos pequenos e o artista justifica as dimensões com o alto custo da matéria empregada. Ele trabalha com "plex-glass", em laminas transparentes. Primeiramente, constrói em papelão e cartolina os arranjos dos elementos que, depois de analisados pormenorizadamente e modificados a fim de que possam traduzir a idéia do artista, são executados definitivamente em "plex-glass". As sequências dos elementos que vão integrar os arranjos são estudadas e as passagens, que dão as diferenciações a cada placa, surgem por meio de cálculos ou princípios de recisão matemática.

Os elementos em si não significam nada mas, uma vez montados, fazem surgir as curvas e movimentações que obedecem a ritmos previamente escolhidos como, por exemplo, em espiral. São os vértices e as arestas das placas que determinam no espaço as sequências rítmicas criadas pelo escultor. As laminas de "plex-glass" apenas delineiam no espaço e suas formas não funcionam em virtude de suas próprias superfícies e sim em virtude do que elas recortam no espaço.

"A escultura clássica, lembra Kazmér Fejér, partia do volume para criar volume", ele, porém, busca criar formas especiais sem volume ou, pelo menos, independentes do volume.

PASSOU, GOSTOU E FICOU

Kazmér Fejér é húngaro de nascimento e está no Brasil desde 1949. Desde rapazote dedica-se às artes. Frequentou, em Budapeste, a Academia Real de Belas-Artes e, influenciado ainda por seus antigos professores, seguia, especialmente na pintura, as correntes do naturalismo e expressionismo. Desde 1944, passou para o abstracionismo.

Depois da guerra, viajando pelo mundo, passou pelo Brasil. Gostou e aqui ficou. Trabalha como químico industrial especialista em cerâmica e material plástico.

Kazmér Fejér já expôs em Budapeste, Viena, Paris, Turim, Montevidéu e, nesta capital participou da I Bienal do Grupo Ruptura e da I Exposição dos Concretistas há dois anos.